



RIVALIDADE SINTRENSE-SINTRA F. C.

Emblemas trocados

Como já demos conta, ficaram célebres os confrontos entre Sintrense e Sintra F. C. Para além das rivalidades entre bairros vizinhos, outro pormenor tornava estes duelos muito curiosos: os equipamentos. Passamos a explicar: o Sintrense jogava de vermelho e branco e tinha, na altura, como emblema um... leão a pisar uma bola. Por seu lado, o Sintra F. C. equipava de verde e branco, com um emblema em que uma... águia pisava uma bola. Decididamente, à distância, emblemas e cores da camisola não combinavam muito bem se levarmos em linha de conta o que se passava e continua a passar-se com os dois grandes de Lisboa, Benfica e Sporting.

Havia ainda o terceiro clube de Sintra, o São Pedro. Hoje o Sintrense disputa a Zona Sul da II Divisão B e foi o clube que melhor resistiu à história. O Sintra F. C. extinguiu-se já e o São Pedro é hoje o 1.º Dezembro, colectividade com expressão ao nível do futebol feminino.

Noutros tempos havia quem fizesse muitos quilómetros para jogar à bola. De Mafra e Lisboa, por exemplo. «Eram os tempos do mais puro amadorismo e paixão», recorda António Félix.

HOJE À TARDE, NO SINTRENSE

Vale e Azevedo na festa

Vale e Azevedo é o convidado de honra da festa do centésimo aniversário de António Félix. O presidente benfiquista não ficou indiferente ao fervor clubista deste homem, ainda por cima fundador de um clube e antigo jogador de futebol.

A festa terá início por volta das 18 horas, nas instalações do Sintrense. Devido a ter a agenda bastante preenchida, Vale e Azevedo não terá muito mais tempo que para abraçar o aniversariante. Mas fez questão de estar presente e responder afirmativamente ao convite que lhe foi formulado.

Para assinalar esta efeméride deverão estar presentes cerca de três centenas de pessoas. Entre entidades políticas, amigos e admiradores.

Os primeiros jogos em Sintra disputaram-se na antiga praça de touros, hoje mercado municipal. Quando nasceu o Sintrense os jogos passaram a disputar-se nos actuais jardins do palácio de Seteais

António Félix

FUNDADOR E «CAPITÃO» DO SINTRENSE

AS AVENTURAS DE

Por JORGE PESSOA E SILVIA
Fotos de RUI RAIMUNDO

ANTÓNIO FÉLIX comemora hoje o centésimo aniversário. Será, muito provavelmente, o mais velho ex-futebolista ainda vivo. Ajudou a fundar o Sintrense com apenas 12 anos e foi o primeiro capitão de equipa. Posto que manteve até deixar de jogar, tinha então 38 anos. Hoje recorda-nos histórias de outros tempos e vai ter a companhia de mais de 300 amigos e admiradores.

Poderá não ter a capacidade de locomoção de outrora mas a memória continua intacta. Nem precisamos de fazer perguntas porque a vontade de António Félix é mesmo a de nos contar histórias. Que resistem à erosão do tempo. E porque a vida de António Félix está umbilicalmente ligada ao nascimento do futebol em Sintra — onde nasceu a 18 de Dezembro de 1898 — é impossível não falarmos de ambas as realidades como se de uma só se tratasse.

A primeira vez que os habitantes de Sintra ouviram falar de futebol aconteceu em 1908. Os operários que se deslocavam para Sintra a fim de cuidar da manutenção do Palácio Nacional da vila foram os culpados. Reza a história que foi Gil

Sapateiro o artífice da primeira bola de futebol. De cabedal e longe de respeitar a física quanto à sua esfericidade. Moral da história: a primeira bola era muito pesada, principalmente à chuva, e difícil de controlar.

António Félix tinha 10 anos. Precisamente a idade em que começou a trabalhar com carnes num talho. Também ele não resistiu à paixão do futebol e empenhou-se na organização desta actividade lúdica. A 7 de Outubro de 1911, tinha então apenas 12 anos, tornou-se um dos co-fundadores do Sintrense. Um clube fundado por gente jovem, a maioria alunos da Escola Domingos Morais. À memória de António Félix vêm nomes como o do irmão Guilherme Félix, Gil, José Carvalho, Ricardo Graça, Sabino. Eli-

sio, João da Lindinha, entre outros.

De ceroulas e com baliza às costas

Os primeiros jogos em Sintra disputaram-se na antiga praça de touros, hoje mercado municipal. Quando nasceu o Sintrense os jogos passaram a disputar-se nos actuais jardins do Palácio de Seteais. Os jogadores equipavam-se na taberna do largo da Estefânia e, literalmente, carregavam com as balizas para o recinto de jogo. A indumentária, essa, também era bastante curiosa: camisola e... ceroulas. Só mais tarde apareceram os calções.

Dia de jogo rimava com festa. As partidas eram precedidas de um desfile acompanhado com muita curiosidade pelos habitantes. Consta que as raparigas se *guerreavam* pela melhor posição para verem os rapagões passarem, trajados a rigor. António Félix rasga um enorme sorriso quando se gaba das pernas que tinha. Muito musculadas pelas dezenas de quilómetros que percorria em busca de gado. Uma estampa que não deixava ninguém indiferente. Não resistimos à provocação:



Está ligado ao nascimento do futebol em Sintra. Fundou um clube aos 12 anos e foi «capitão» durante 25; comemora hoje 100 anos de vida junto de muitos amigos e mantém uma memória à prova da erosão do tempo

UM CENTENÁRIO



«Deve ter tido muitas pretendentes...» António Félix baixou a cabeça, aproximou-se e piscou o olho com o sorriso mais matreiro do mundo: «Eu era terrível. Foram cerca de 54...»

António Félix era defensor-central e foi eleito pelos colegas o primeiro capitão de equipa. Posto que ocupou até fazer 38 anos, a idade em que deixou de praticar futebol. Muito provavelmente mais um record deste hoje centenário.

rio, capitão de equipa durante 25 anos!

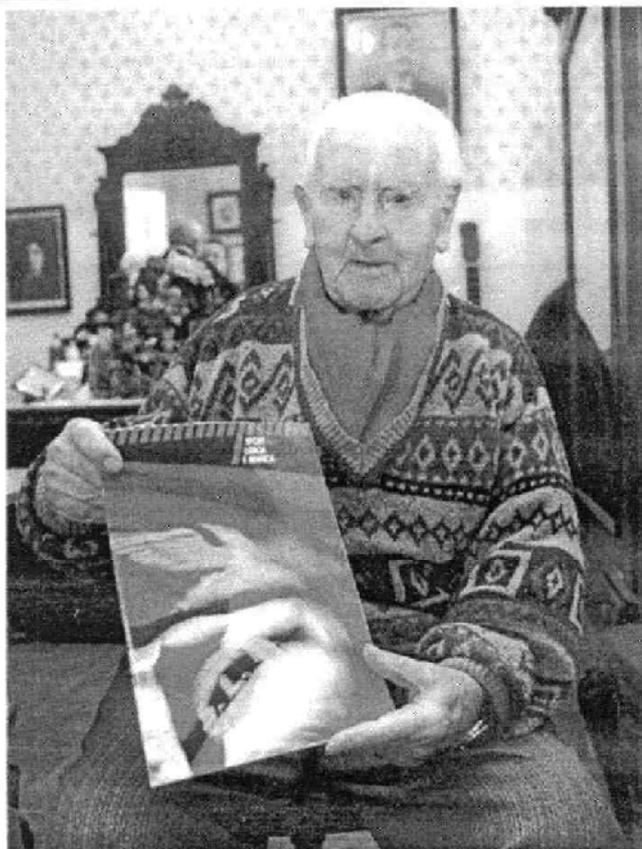
Rivalidades, pancada e emblemas trocados

Só em 1941 o Sintrense começou a disputar provas oficiais, pelo que o calendário desportivo desta colectividade era preenchido com torneios e jogos amigáveis. Amigáveis era, por vezes, uma força de expressão. Ficou célebre a rivalidade entre Sintrense (do bairro da

Estefânia) e Sintra F. C. (da vila, hoje desaparecido). Os actuais Paços do Concelho dividiam os dois bairros e conta a história que muitas zaragatas se registaram nesse local. Mas depois, está bom de ver, tudo acabava em bem.

A I Guerra Mundial trouxe tempos de fome, aliada à tuberculose e alcoolismo. António Félix teve um pouco mais de sorte já que trabalhava com carne e, melhor ou pior, foi sobrevivendo. De resto, muitos encontraram em sua casa uma mesa em que cabia sempre mais um. Era também um dos poucos que conseguiram juntar algum dinheiro para as despesas inerentes à equipa de futebol.

Deixou de jogar em 1936 e, depois, alimentou-se de futebol como dirigente do Sintrense e adepto do Benfica. Trabalhou como cortador de carnes até aos 85 anos e comemora hoje o centenário com cerca de três centenas de amigos no campo do Sintrense. «Pergunte a quem quiser se o meu sogro não é uma das pessoas mais respeitáveis de Sintra», dizia, com orgulho, Pinto Vasques, hoje dirigente da A. F. Lisboa.



Os actuais Paços do Concelho dividiam os dois bairros e conta a história que muitas zaragatas se registaram nesse local

TOMA UM COMPRIMIDO ANTES DOS JOGOS DO BENFICA Ainda matam o João Pinto

O Benfica sempre foi a outra grande paixão de António Félix. De resto, só o amor pela água o impediu de, possivelmente, ter atingido os grandes patamares do futebol português. Isto porque José Leandro, internacional do Sporting, o incentivou vivamente a jogar de verde e branco. Disse que não, que era um homem fiel. Ao seu Sintrense e, não menos importante, ao Benfica. «Hoje, infelizmente, só se joga por dinheiro. No meu tempo não era assim. E eu sempre fui muito fiel», desabafa António Félix.

Enquanto podia não perdia um único jogo dos encarnados, ao mesmo tempo que colecionava dados sobre os seus ídolos. Hoje não perde um encontro que seja transmitido pela televisão: «Tomo um comprimido para não me enervar muito e sento-me para vibrar com o jogo.» Como aconteceu no passado domingo e... na segunda-feira, dias em que não perdeu pitada da goleada que o Benfica impôs em Chaves ao Desportivo local.

Diz que gosta deste Benfica e mostra-se animado com os feitos que o seu clube ainda pode alcançar. Faz alguns elogios a Nuno Gomes mas não esquece o que foi um dos seus maiores ídolos: «Este Nuno Gomes até é jeitoso. Coloca-se bem no terreno e marca uns golos. Mas não mais apareceu em Portugal um avançado como o Vitor Silva.» Outra das suas preferências vai para o capitão benfiquista: «O João Pinto é muito bom jogador. Mas, coitado, está sempre a levar pancada. Qualquer dia ainda matam o rapaz», desabafa.

No seu quarto um gahardete do Benfica não esconde as preferências de António Félix. Com orgulho mostra-nos ainda um livro sobre a história do Benfica. E tem uma foto com Eusébio que guarda com muita honra. Referências só igualadas pelo cachecol do Sintrense estrategicamente colocado na cabeceira da cama.

